

## O TEMPLO MAÇÔNICO, FERRAMENTA DE ENSINO ESPACIAL: PONDERAÇÕES SOBRE COMO O TEMPLO MAÇÔNICO SERVE DE INSTRUMENTO DE ENSINO AOS MAÇONS ATRAVÉS DE UMA ABORDAGEM EM CASSIRER

*The masonic temple, space teaching tool: Reflections on how the Masonic Temple serves as a teaching tool for Freemasons through an approach in Cassirer*

Alex Ander de Souza Orengo<sup>1</sup>

Sylvio Fausto Gil Filho<sup>2</sup>

### RESUMO

A Maçonaria tem a proposta de proporcionar o desenvolvimento moral, intelectual e espiritual do homem através de uma pedagogia própria, tendo o Templo como sua principal ferramenta de ensino. Desta forma, procuramos estabelecer ponderações que possibilitassem estudar este fenômeno com um olhar a partir da Geografia. Para tanto, estabelecemos como base epistemológica a fenomenologia cassireriana, fundamentalmente via Filosofia das Formas Simbólicas, buscando entender as espacialidades geradas com a exposição do Maçom ao Templo e à pedagogia maçônica, bem como o processo de formação das representações e a interação com o espaço de ação/sagrado que é o Templo, especificamente, e com a Maçonaria de forma ampla. Trajeto que nos possibilitou entender e explicitar o processo de ensino espacial maçônico.

**Palavras-chave:** Maçonaria. Formas Simbólicas. Geografia. Geografia da Religião.

### ABSTRACT

Freemasonry has the proposal to provide the moral, intellectual and spiritual development of man through its own pedagogy, having the Temple as its main teaching tool. In this way, we tried to establish considerations that would make it possible to study this phenomenon with a view from Geography. For that, we established the Cassirerian phenomenology as an epistemological basis, fundamentally via the Philosophy of Symbolic Forms, seeking to understand the spatialities generated by the exposure of the Mason to the Temple and the Masonic pedagogy, as well as the process of formation of the representations and the interaction with the space of action / sacred that is the Temple, specifically, and with Freemasonry in a broad way. Path that enabled us to understand and explain the Masonic space teaching process.

**Keywords:** Freemasonry. Cassirer. Symbolic Forms. Geography of Religion.

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pela UFPR/PR. alex.orengo@yahoo.com.br.

✉ Av. Cel. Francisco H. dos Santos, 100, Jardim das Américas, Curitiba, PR. 81530-001.

<sup>2</sup> Professor Titular do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFPR). faustogilfilho@gmail.com.

✉ Av. Cel. Francisco H. dos Santos, 100, Jardim das Américas, Curitiba, PR. 81530-001.

## INTRODUÇÃO

A Maçonaria tem como objetivo algo no campo do utópico: fazer feliz a humanidade; meta que busca alcançar através do aperfeiçoamento do homem (GRANDE LOJA DO PARANÁ, 2013) mediante o refinamento de sua erudição, de seus hábitos e de seus costumes, obtido como consequência do aprimoramento de sua ética, que por sua vez derivará de um profundo conhecimento da Ordem<sup>1</sup>. Esta cadeia de refinamento é o método da Maçonaria, a sua proposta de melhoria do homem. Diante destas afirmações, poderíamos questionar: o que há de diferente na moral maçônica? Onde se aprende esta moral? Onde está registrada e como é transmitida? O que faz o método maçônico tão eficiente? Para obter respostas, é mister que se entenda a didática maçônica de ensino e a centralidade do Templo maçônico no método de ensino da Maçonaria. Pois a grande singularidade da Maçonaria é a sua forma de transmissão e disponibilização do conhecimento. E nela, uma peculiar ferramenta de ensino se destaca: o Templo; o espaço onde o ensino da Ordem acontece. Para tanto, o Templo é ornado por uma grande quantidade de símbolos; sendo, ele próprio, em suas características dimensionais e em sua geografia interna, também um grande símbolo. É nele que, exposto a estímulos simbólicos, o Maçom receberá aulas e participará de rituais, o que faz do Templo o meio mais significativo através do qual o Maçom aprenderá. Exploremos, portanto estas questões, relacionadas a uma forma espacial de formação; inquirição que procuraremos conduzir através de um olhar cassireriano sobre a didática da Ordem, entendendo-a e dissecando-a especificamente, através da Filosofia das Formas simbólicas.

<sup>1</sup> Ordem: expressão utilizada pelos Maçons para fazer referência a Maçonaria.

## JUSTIFICATIVAS

### *Observações sobre a produção acadêmica em Geografia da Religião*

O desenvolvimento de trabalhos vinculando religião e geografia é um campo relativamente recente, embora apresentando avanços a partir dos anos 1960 sob a influência da escola de Berkeley (OLIVEIRA, 2019). Jackowski (2002) acrescenta que os estudos em Geografia a Religião é uma das áreas mais negligenciadas da Geografia. Realidade que constatamos através de levantamento da produção acadêmica atual para Geografia das Religiões, em consulta à quatro plataformas de pesquisa, onde avaliamos inicialmente o volume de referências de Geografia da Religião em Geografia e posteriormente a quantidade de estudos desenvolvidos neste grande domínio, envolvendo a Geografia da Religião a partir de Cassirer.

As plataformas escolhidas foram: Google Acadêmico, *Scielo* e o Portal de Periódicos da CAPES por sua popularidade e facilidade de acesso; e o Acervo da Universidade Federal do Paraná/UFPR, por sua proximidade. Assim, foram encontradas 318.208 referências para Geografia, sendo que 1.001 (0,31%) destas em Geografia da Religião; quando da indagação sobre estudos em Geografia da Religião envolvendo Cassirer, a situação se intensifica, pois observamos 578 (0,18%) referências envolvendo ambos os critérios. No entanto, ao relacionarmos este mesmo dado (578) com o total de estudos em Geografia da Religião (1.001), veremos que 57,74% deles envolve Cassirer. Em contrapartida, ao iniciar a pesquisa buscando referências à Cassirer, encontramos 22.924 apontamentos, sendo que destas, somente 2,52% são sobre Geografia da Religião (578 referências em 22.924). Assim é possível inferir sobre uma grande lacuna a ser preenchida com mais pesquisas em Geografia da Religião, sobretudo

quando voltada para a dimensão do olhar cassireriano. Por outro lado, concluímos também – e este é um dado positivo – que 57,74% dos estudos em Geografia da Religião, envolve Cassirer, demonstrando uma tendência na busca de estudar o fenômeno religioso a partir das Filosofia das Formas Simbólicas (CASSIRER, 2001; 2012) o que é corroborado por Gil Filho (2012) ao apontar que as filosofias de sentido com viés fenomenológico tem sido, catalizadoras de mais perquirições na análise destes fenômenos.

#### *Maçonaria: representatividade e produção acadêmica envolvendo a Ordem*

Algumas características desta instituição chamam a atenção, expressando sua representatividade e abrangência de atuação, traduzindo sua importância: (i) segundo Knigth e Lomas (2007), a Maçonaria é a maior organização do mundo, com mais de cinco milhões de membros nos mais variados campos e atividades da sociedade. A Grande Loja<sup>2</sup> Unida da Inglaterra (*United Grand Lodge of England* – UGLE) fundada em 1717 e considerada a instituição da qual nasceu a Maçonaria organizada (KARG; YOUNG, 2008) reconhecendo 187 Potências Maçônicas regulares

<sup>2</sup> Loja é o nome dado ao grupo de maçons reunidos em assembleia; sendo também o nome dado para a instituição de caráter jurídico, que os representa (GRANDE LOJA DO PARANÁ, 2013, p. 17). A reunião de várias Lojas forma uma Potência Maçônica, normalmente chamada de **Oriente** ou de **Grande Loja**. Potência Maçônica é o nome dado para a instituição jurídica reconhecida nacional e internacionalmente, possuidora de uma hierarquia administrativa, bem como de um número definido de Ritos através dos quais as suas Lojas operam, exigidos para que seja reconhecida como Potência Maçônica. No Paraná existem três Potências Maçônicas Regulares: Grande Oriente do Brasil, Grande Oriente do Paraná e a Grande Loja do Paraná.

no mundo<sup>3</sup> (UNITED GRAND LODGE OF ENGLAND, 2019); (ii) historicamente a Maçonaria sempre esteve envolvida com grandes eventos e transformações da humanidade (COLUSSI, 1998; KNIGHT; LOMAS, 2007; STEVENSON, 2009); (iii) a *Masonic Charitable Foundation* financia ações sociais, pesquisas científicas e empreendimentos<sup>4</sup> (UNITED GRAND LODGE OF ENGLAND, 2016). No Brasil a Maçonaria mantém projetos relativos a causas sociais, direitos humanos e políticos (CONFEDERAÇÃO DA MAÇONARIA SIMBÓLICA DO BRASIL, 2012; GRANDE ORIENTE DO BRASIL, 2010; CONFEDERAÇÃO MAÇÔNICA DO BRASIL, 2016). Em muitos países, a Maçonaria investe em entidades paramaçônicas, visando a formação moral e social, atingindo perto de 75 milhões de pessoas<sup>5</sup> (GRANDE ORIENTE DO BRASIL, 2010, 2015; GRANDE LOJA DO PARANÁ, 2011; SUPREMO CONSELHO DA ORDEM DEMOLAY PARA O BRASIL, 2016; GRANDE ORIENTE DE SÃO PAULO, 2016; ESCOTEIROS DO BRASIL, 2016).

No entanto, identifica-se um cenário ambíguo entre a percepção pública da Maçonaria e sua autodefinição (COLUSSI, 1998), provavelmente agravado pelo baixo número de pesquisas acadêmicas e publicações sobre a Ordem, que em grande parte são históricas, caracterizando uma lacuna na atenção dada à Maçonaria, aos Maçons e a forma como vivem **a** e **na** Maçonaria, idem quanto aos significados por eles atribuídos a tal experiência (BARATA, 1994; COLUSSI, 1998; AZEVEDO, 1999; TAVARES, 2006; CARNEIRO, 2008;

<sup>3</sup> Europa: 44; África: 18; Oceania, Índia e América Central: 13; Américas do Norte e do Sul: 112.

<sup>4</sup> De 1980 para cá mais de R\$430 milhões já foram doados.

<sup>5</sup> Ordem Demolay, Ordem internacional do Arco-Íris para Meninas, Filhas de Jó Internacional, Ação para maçônica Juvenil, Movimento escoteiro, Fraternidade Feminina, entre outras.

RODRIGUES, 2014), fatos comprovados por Orengo (2018)<sup>6</sup> que exploraram o significado de ser maçom em dissertação de Mestrado. Este contexto ficou claro quando buscamos entender o cenário da produção acadêmica sobre Maçonaria de forma ampla e em Geografia da Religião de forma particular, nas mesmas plataformas já citadas, demonstrando que para os verbetes escolhidos, foram desenvolvidas 2.048 pesquisas envolvendo Maçonaria, mas somente 80, 3,90%, envolviam a relação Maçonaria e significados; da mesma forma, somente 2 estudos foram identificados, 0,09%, envolvendo Maçonaria e Geografia da Religião. Neste sentido, uma vez que Maçonaria, significado e Geografia da Religião são exatamente os tópicos propostos para compor o escopo desta ilação, entendemos haver espaço para mais olhares nesta direção.

#### PONDERAÇÕES NECESSÁRIAS: MAÇONARIA, ESPACIALIDADES E CRUZAMENTOS

Antes de seguir, cremos ser importante apresentar algumas palavras sobre a forma como entendemos a Maçonaria e a abordagem de espacialidades, uma vez que estas nos possibilitam olhar para aquela, no contexto geográfico proposto neste texto. Outrossim, como tal contexto envolve a inter-relação de três assuntos – Maçonaria, Geografia da Religião e Cassirer (especificamente a sua Filosofia das Formas Simbólicas) desejamos explorar tais inter-relações e explicitar

<sup>6</sup> Orengo (2018) avaliaram 4.303 artigos em 12 periódicos pré-selecionados e nenhum tratava do tema. Já ao avaliar o acervo do Sistema de Bibliotecas da Universidade do Paraná – SIBI/UFPR, identificaram 730 referências à Maçonaria; nenhuma escrita por maçom e em sua maioria focadas em aspectos históricos. Nas entrevistas não apareceram questões espirituais, místicas, de significado, processos de significação, nem o sistema didático e pedagógico utilizado pela Maçonaria – fundamentalmente baseado nestes itens não tratados.

as vinculações de cada tema com a grande área da ciência geográfica, organizando assim, o cenário e os limites dentro dos quais procuramos entender o desenvolvimento da pedagogia maçônica utilizando como ferramenta o Templo maçônico.

#### Maçonaria

Embora exista uma data que marca o nascimento da Maçonaria Institucional, suas origens são anteriores e até confusas. A postura dos historiadores Maçons contribuiu sobremaneira para isto, uma vez que buscavam fontes e origens cada vez mais antigas, de forma a gerar mais credibilidade para a Instituição. Uma situação que contou com o suporte indireto daqueles que conceberam o seu *modus operandi*, que escreveram os rituais e instruções, que estabeleceram os símbolos e toda a gama de alegorias utilizadas pela Ordem; elementos estes, trazidos das mais diferentes culturas, formas de pensamento e expressões religiosas e espirituais (ORENGO, 2018). Não é intenção deste trabalho transcrever a história da Ordem, mas extrair dela o que é relevante aos seus propósitos; de qualquer forma, três origens são mais citadas, conforme Orengo (2018): a construção do Templo de Salomão, os Cavaleiros Templários e as guildas de pedreiros da Idade Média. Esta última, a mais aceita, apresentando uma linearidade com os eventos institucionais de fundação da Maçonaria<sup>7</sup>.

Estes grupos de pedreiros visavam proteger e regulamentar a profissão, mas com o tempo, ao longo da Idade Média, agregaram práticas fraternas, assistencialistas e de convívio social, absorvendo também componentes míticos, espirituais e religiosos, passando a utilizá-los no ensino dos conhecimentos da arte, de forma cada vez

<sup>7</sup> Na formatação da Ordem, existem contribuições relevantes das pseudo-origens citadas.

mais cênica e ritualizada. Nesta fase, ser artesão transcendia o fato de ser um trabalhador; era viver uma forma de desenvolvimento intelecto-espiritual (STEVENSON, 2009). A guilda dos pedreiros obteve grande destaque devido a pujança das construções sacras na Europa, período que atingiu o seu ápice em 1350 e que posteriormente deu origem à Maçonaria (UNITED GRAND LODGE OF ENGLAND, 2019) conquistando representatividade política e social, passando a ser procurada pela alta classe européia durante todo o período Iluminista, devido ao alinhamento de suas práticas, rituais e visão de transcendência no desenvolvimento do homem, com as propostas deste movimento filosófico social (STEVENSON, 2009; BARATA, 1994; 2013)<sup>8</sup>.

Com o declínio das construções e com o ingresso de não pedreiros no grupo, houve uma recharacterização dos seus objetivos: de profissional para escola iniciática; levando a formatação da Maçonaria atual, que em essência, embora com alterações na forma, atua como as guildas iluministas. Este processo fez com que as guildas, ou Lojas, passassem a ter mais membros não pedreiros, até a eliminação total dos pedreiros operativos<sup>9</sup>. Desta forma, a Maçonaria nasceu oficialmente em Londres em 1717 (UNITED GRAND LODGE OF ENGLAND, 2019) com a associação de três guildas de pedreiros especulativos, fundando a Grande Loja de Londres. De qualquer forma, a Maçonaria guardou das guildas originais, além do peculiar sistema de ensino, o convívio fraterno e a mútua proteção; com destaque para o objetivo de melhorar o homem através da reflexão moral, tendo como objeto as ferramentas dos pedreiros, símbolos representativos

8 Nesta época foram escritos os rituais dos Graus Maçônicos com grandes influências místicas e filosóficas, devido a relação de seus autores com estas áreas, como Elias Ashmole, por exemplo (STEVENSON, 2009).

9 Operativo: expressão referente ao pedreiro artesão de fato; Especulativo: referente ao membro não pedreiro admitido nas guildas.

destes princípios éticos morais constitutivos do homem melhorado. Reflexão esta, que deveria desembocar na absorção e incorporação à vida cotidiana do que foi apreendido.

Outra destas recharacterizações da rotina das guildas de pedreiros são observadas nas reuniões nas Lojas, que remetem aos antigos canteiros<sup>10</sup> de obras, onde os pedreiros se reuniam e trabalhavam, praticando sua arte e seus rituais. Diante dessas adaptações e dos elementos agregados aos seus rituais e Templos, a Maçonaria se tornou um museu vivo (KNIGHT; LOMAS, 2007) sendo o sítio arqueológico da humanidade e de suas culturas, onde história, antropologia, filosofia, história das religiões, simbolismo, mitos, ética e moral encontram-se, formando um composto complexo de ensinamentos e conhecimento. Este composto, voltado ao desenvolvimento, está disponível àqueles que o desejarem<sup>11</sup> e que o receberão através de rituais bizarros e sincréticos, fruto das características museológicas, arqueológicas e culturais da Ordem. Assim, podemos definir a Maçonaria como uma peculiar escola de moral (ORENGO, 2018).

<sup>10</sup>Na época, as construções levavam muitos anos para ficarem prontas, por isso os pedreiros construíam ao lado da obra um galpão, chamado de Loja, onde dormiam, comiam, conviviam e transmitiam conhecimento ritualisticamente.

<sup>11</sup>Este composto de conhecimento está disponível a todos os Maçons, mas percebe-se que há diferentes níveis de percepção quanto a esta disponibilidade, bem como diferentes posturas dos Maçons quanto ao uso deste conhecimento a partir da sua percepção individual conforme aponta a pesquisa de Orenco (2018). Pois a Maçonaria, coerente com sua pedagogia de ensino e com a preservação da liberdade de seus membros, disponibiliza os meios ao desenvolvimento pessoal do Maçom, mas não obriga que sejam utilizados.

### *Filosofia das Formas Simbólicas e Espacialidades*

Na teoria cultural de Cassirer a consciência humana é simbólica por natureza (GIL FILHO, 2012). Nela toda função do espírito humano não é somente reprodutora, mas formadora; não se limitando a, passivamente, expressar os fenômenos, mas concedendo-lhes significado, onde os dados empíricos são criados através de produção de configurações simbólicas, uma vez que as manifestações do espírito humano vivem em um mundo imagético. Estas compreensões são uma autorrevelação do mundo real ao espírito feita pelo sujeito a si mesmo, através de caminhos distintos e próprios (CASSIRER, 2001), caracterizados pelas formas simbólicas, que são canais através dos quais o homem toma contato com o mundo, captando-o, atribuindo-lhe significado para então plasmar o seu próprio mundo (CASSIRER, 2001; 2012). Cassirer estabelece assim, um sistema de apreensão da realidade através das formas simbólicas, a saber: da linguagem, do mito, da religião, das artes e da ciência. As espacialidades, portanto, são o resultado do processo de captação e formatação do mundo mediado pelas formas simbólicas; uma projeção de sentido sobre o espaço, fruto do estabelecimento de representações estabelecidas através da captação ou percepção de uma realidade e a plasmação de outras representações a partir daquelas primeiras.

### *Cruzamentos*

Buscamos neste trabalho, como citado, analisar a Maçonaria, com um enfoque fenomenológico cassireriano, dentro da Geografia e na Geografia da Religião, a partir do estabelecimento e identificação de espacialidades. Assim, procuramos referendar um quadro de

possibilidades neste viés, através da exploração da interface entre todos estes elementos, de forma a tornar tangível tais interfaces, bem como demonstrar a probabilidade de sua existência. Neste sentido, apresentamos argumentações amplas à cada cruzamento analisado, de forma a caracterizá-lo, embora, importante ressaltar, nem sempre tais referências estejam ligadas diretamente ao enfoque epistemológico do texto, mas permitem visualizar as interfaces em questão; onde, após estabelecida sua possibilidade de existência, muitos olhares distintos poderiam ali recair. Entendemos que estas justificativas embora não esgotem a reflexão, mapeiam a possibilidade do desenvolvimento das ilações deste projeto.

### **GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E A GEOGRAFIA**

Gil Filho (2012) comenta ter sido a partir da década de 1990 que a Geografia Cultural no Brasil se abriu para novos espaços de discussão epistemológica, fazendo com que temas como a religião e as representações tenham passado a ser tratados. Esse movimento tem possibilitado o uso de abordagens baseadas nas filosofias de sentido e no encontro destas, com geografia e religião, fazendo com que mais asserções sejam debatidas auxiliando a caracterização da Geografia da Religião (GIL FILHO, 2012). Rosendahl (2012) acrescenta que os estudos da fé são exemplos da relação entre o espaço e a religião; enfatiza que esta manifestação do sagrado de forma material favoreceu e auxilia o desenvolvimento na Geografia, de estudos sobre religião. A pesquisadora entende que tais abordagens auxiliam também no estudo de outras categorias, como imagem e simbolismo, significado e valor, entre outras, defendendo a existência da relação entre a religião e a Geografia em escalas geográficas variadas.

Por sua vez, Jackowski (2002) argumenta que a religião, por envolver movimentações e apropriações do espaço, expressões no espaço e espacialidades, é um tema geográfico, salvaguardando assim a existência da Geografia da Religião. Este diálogo da Geografia com as ciências da religião possibilitou o desenvolvimento da Geografia da Religião voltada para o cerne do fenômeno religioso, permitindo que a espacialidade por ele produzida deixasse de ser considerada em sua materialidade imediata, justamente em função das aproximações com a fenomenologia e com as ciências da religião (DA SILVA; GIL FILHO, 2009).

Encontramos uma ênfase na percepção desta espacialidade e uma certa depuração a seu respeito, quando Gil Filho (2008) comenta que o fenômeno religioso é inicialmente percebido como parte da relação do homem com o território<sup>12</sup> e não mais somente como elemento da paisagem, para em seguida ser considerado como forma simbólica que auxilia o homem a estruturar a realidade. Tal cenário mostra mais um indício da relação entre o fenômeno religioso e as filosofias de sentido, bem como da realidade possível de uma Geografia da Religião. Esta percepção é enfatizada pela visão de Oliveira (2019) quando argumenta que a Geografia da Religião vem recebendo uma maior atenção por parte dos pesquisadores, que deixaram de simplesmente apresentar descrições de práticas e de grupos religiosos, para tratar com a devida profundidade a religião como um fenômeno plural e disponível a uma grande diversidade de abordagens. Sugerindo direções, Rosendahl (s/d) afirma que os geógrafos devem buscar estudar tanto as territorialidades visíveis quanto as invisíveis, procurando desvendar assim além das expressões materiais, as simbólicas, que os sujeitos imprimem, através de suas vivências, no espaço. Para ela, quando o homem tem as suas experiências de vida motivada pela fé, dizemos

<sup>12</sup> Território aqui entendido como o espaço simbólico sagrado estabelecido como representação para aquele que tem com este espaço, uma relação simbólico religiosa, ligada à sua crença.

que ele é religioso e tal condição pode ser entendida quando se entende a presença do homem no mundo e o sentido de sua vida, que por sua vez, são passíveis de compreensão, na medida em que seus valores cognitivos são interpretados (ROSENDAHL, 2012). Na visão da autora as práticas religiosas em sua espacialidade, auxiliam a dar sentido e organizar a vida do homem, caracterizando-se como práticas espaciais pois apresentam ações no espaço com uma finalidade determinada.

Fortalecendo a ligação religião e Geografia, Santos (2002) defende que a religião, uma vez que compõe o espaço geográfico, apresenta dimensões geográficas, pois envolve categorias geográficas, como o território e a população. Ampliando este olhar, Kong (1990) aludi que a religião e a Geografia possuem além de interesses, muitas interfaces e uma grande variedade de questões comuns, o que realmente possibilita se pensar em uma Geografia da Religião. Por sua vez, Gil Filho (2001) defende que o condicionamento do sagrado aos parâmetros espaciais é a característica marcante da visão da geografia sobre a religião e que o fenômeno religioso transcende sua objetividade material, pois nesta perspectiva o espaço possui um caráter relacional, sobre o qual o homem constrói imagens, atribuindo a elas, representações vindas de sua existência. O autor posiciona a Geografia da Religião como uma subdisciplina da Geografia Humana, sendo seu objeto o fenômeno religioso, na medida em que este é um espaço de relações subjetivas e objetivas, unificadas pelas formas simbólicas, onde a religião faz a sua mediação (GIL FILHO, 2001, n.p.).

Kong (1990), assim como Da Silva e Gil Filho (2009), comenta que ao longo da história os estudos relacionando religião e espaço apresentaram uma intensidade bastante variada e só ganharam espaço e corpo teórico dentro da geografia, analisados sob a perspectiva geográfica de fato, no bojo do desenvolvimento da Geografia Humanista, que possibilitou questionamentos sobre como

o sagrado é vivenciado espacialmente pelo sujeito e como os ritos, signos, crenças e símbolos são espacializados (OLIVEIRA, 2019).

### **GEOGRAFIA DA RELIGIÃO E CASSIRER**

A Geografia da Religião em uma de suas abordagens no Brasil, atende a reivindicação de Cosgrove (2012) de que cultura e símbolo não deveriam ser excluídos das explicações sobre as atividades humanas. Esta abordagem, através de uma visão fenomenológica, busca perceber as estruturas estruturantes da religião para assim compreender suas manifestações a partir de um olhar geográfico (SILVA; GIL FILHO apud PEREIRA; GIL FILHO, 2012). Entrikin (1977) também pondera sobre: manter a cultura e o simbólico no estudo do homem; o uso da fenomenologia; e a aplicação de Cassirer nestas especulações, quando comenta que desde o final dos anos 1930 o que ele define como Geografia Espacial (espaço de significados e espaço existencial) vem se expandindo pelo incremento de significados abstratos ligados aos conceitos espaciais, buscando romper a impessoalidade e a alienação com as quais a Geografia Humana vem tratando a paisagem humana, possibilitando, através de uma aproximação com a filosofia, via abordagens fenomenológicas, objetivar a cultura em seu categorial espacial, através de uma teoria cultural sobre o homem (GIL FILHO, 2012). Dentre tais abordagens fenomenológicas destaca-se a filosofia de Cassirer, que tem apresentado o melhor conjunto de conceitos para uma Geografia Espacial (ENTRIKIN, 1977) permitindo ao sujeito deixar o exílio e, ao espaço, ser tratado como espaço existencial, onde a consciência humana em sua ação simbólica, através das formas simbólicas, constitui o real (ENTRIKIN, 1977; GIL FILHO, 2012).

Explorando interfaces entre a Geografia da Religião e a Filosofia das Formas Simbólicas de Cassirer, vemos a religião como construtora de cosmovisões, organizando o devir dos indivíduos, estruturando os mundos de significados. A religião é *locus* onde é possível identificar

a realização do homem através das suas próprias experiências (GIL FILHO apud PEREIRA; GIL FILHO, 2012), na medida em que, exercendo atividade simbólica, modela o seu verdadeiro mundo: o simbólico.

Cassirer (2004) enfatiza a relação entre o espaço físico e de significado, ao apontar que articulações no espaço físico, exigem necessariamente articulações de juízo, na medida em que a ele se atribui uma significação. Este processo pode ser identificado nas práticas religiosas de forma geral, uma vez que se apropriam de espaços físicos onde os indivíduos vivem as suas experiências com o sagrado. Existem, portanto, espacialidades vindas do pensamento religioso, projetadas por uma conformação simbólica, consequências de muitas combinações de experiências religiosas variadas (PEREIRA; GIL FILHO, 2012). Espacialidades estas que não são somente o conteúdo da representação mítica, mas a significação que este conteúdo tem para a consciência do indivíduo e o poder que sobre ele exerce (CASSIRER, 2004).

Tomando, portanto, o espaço sagrado, onde as relações simbólicas se constituem através de uma perspectiva de experiência religiosa estruturante, a partir do conceito de representação, conforme a Filosofia das Formas Simbólicas de Cassirer (PEREIRA; GIL FILHO, 2012), observamos uma estrutura universal de acesso deste espaço, possibilitando entender a relação do homem com este espaço e a partir daí, o estabelecimento de espacialidades. Assim, em função das interfaces entre a filosofia cassireriana, o fenômeno religioso e o espaço, vemos em Cassirer uma base epistemológica exequível para pesquisas em Geografia da Religião.

### **MAÇONARIA E GEOGRAFIA**

Vejamos agora alguns exemplos de elementos formadores e características da Maçonaria que nos permitem propor um olhar geográfico sobre ela. É importante ressaltar que os tópicos

analisados, estão longe de esgotar a possibilidade desta visão, sendo escolhidos para ilustrar essa possibilidade de uma forma que nos pareceu abrangente, tanto no que se refere à Maçonaria quanto a alguns horizontes da Geografia.

Nosso ponto de partida é a já explorada particularidade da Ordem de abarcar nuances das mais variadas fontes, geradoras das mais díspares enculturações. Encontramos por exemplo, traços da cultura druídica, como os calendários arquetônicos e o posicionamento astronômico de construções (KNIGHT; LOMAS, 2006, 2007); traços esses, observados através dos lugares onde sentam os Maçons nos Templos e pela nomeação destes lugares e setores no interior do Templo, todos referendados em citações nos rituais. Outro exemplo interessante é visto no ritual de Mestre Maçom, onde encontramos o mito egípcio de Osíris (ASLAN, 1979; GRANDE LOJA DO PARANÁ, 2009). Enculturações similares são as palavras sagradas e secretas<sup>13</sup> utilizadas nos graus simbólicos<sup>14</sup>: todas são hebraicas (GRANDE LOJA DO PARANÁ, 2009; 2013). Nesta linha religiosa espiritual, observamos um elemento marcante: em todas as reuniões é utilizado o que a Maçonaria chama de Livro da Lei (GRANDE LOJA DO PARANÁ, 2011); aquele livro ou código que deve representar a lei espiritual seguida pelo Maçom. Podendo ser, portanto, a Bíblia cristã, o Alcorão, os Vedas, o Livro de Mórmon,

<sup>13</sup> Cada grau maçônico possui estas duas palavras; com exceção do grau de Aprendiz, que possui somente a palavra sagrada. Estas palavras, de forma geral, compõe o sistema de reconhecimento maçônico, possibilitando aos Maçons se identificarem e reconhecerem, bem como identificarem em que grau estão (compõe ainda o sistema de reconhecimento os sinais e toques, além de um questionário). A palavra sagrada é utilizada nos rituais e a palavra secreta é considerada uma senha.

<sup>14</sup> Maçonaria Simbólica: aquela que compõe os graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre. Maçonaria Filosófica: aquela que compõe os demais graus. Para ingressar na Maçonaria Filosófica o Maçom deve necessariamente ser Mestre.

a Torá, entre outros<sup>15</sup>. Mas como apresentamos, as enculturações mais marcantes são aquelas relacionadas às guildas e ao seu *modus operandi*.

Estes exemplos das heranças histórico-antropológicas presentes na Maçonaria, podem também ser vistos por outro ângulo, como espacialidades. Pois representam ações humanas na busca da solução de problemas, na busca de explicações e controle sobre o ambiente, na busca de viver em sociedade; na busca de relacionar-se com o espiritual, materializando esta relação, bem como o próprio sagrado. Representam a busca suprema e antiga, de dar sentido a própria existência. Encontramos aí, portanto, exemplos de espacialidades, como realidades sociais projetadas através da vivência do homem no ambiente, portadoras das significações que o homem fez deste ambiente. Marcando e modificando o espaço; o que possivelmente não poderia ser diferente, uma vez que este é o demarcador e o palco onde os fenômenos humanos, construtos da possibilidade de o homem existir, se desenrolam (ARAÚJO, 2013).

Neste amplo contexto espacial, ao qual trouxemos o elemento espiritual e a relação com o sagrado, especificamente, temos que citar Eliade, por sua importância no tema. Eliade (1956) pontua o sagrado como o que se antepõe ao profano, estabelecendo uma base dual e eventualmente arquetípica, amplificadora do elemento religioso a partir da qual analisa o homem. O espaço seria então concebido como não homogêneo do ponto de vista qualitativo, havendo partes sagradas – estas representativas do espaço real – e o todo restante. Desta perspectiva seria possível conduzir a análise que nos propomos, no entanto, os autores que nos orientam nos afastam dela na medida em que adotam a ação de conformação simbólica,

<sup>15</sup> Em algumas Lojas Maçônicas são utilizados nas reuniões todos estes livros simultaneamente.

conferindo ao espaço mais quebras pela ação das Formas Simbólicas e entendendo como espaço real, esta totalidade simbolicamente plasmada (CASSIRER, 2001; 2012).

Podemos ainda conceber uma possibilidade geográfica da Maçonaria, na medida em que entendemos a sua forma institucionalizada de existir. A Maçonaria possui um núcleo que distingue o que seja Maçonaria regular: a Grande Loja de Londres, entidade que reconhece quais são as potências maçônicas regulares. Por sua vez, cada potência é dividida em distritos, e estes compostos por Lojas. Cremos haver nesta organização, similaridades e a possibilidade de relações, com as categorias geográficas: território e região, pela caracterização evidente de divisões que a Maçonaria faz do espaço para existir e gerenciar-se, bem como sua forma de crescer, aumentando as Lojas e distritos, tomando posse do espaço, marcando o seu território. Já o duplo conceito de Loja: grupo de homens que se sentem coadunados mística e espiritualmente, através de uma força imaterial; e a reunião do grupo em um Templo, trazendo ao concreto a Loja, como o local do aprendizado e das significações, permite observar espacialidades vindas das relações do homem e suas representações com aquele espaço específico: o Templo, concreto e geográfico.

### MAÇONARIA E GEOGRAFIA DA RELIGIÃO

Cosgrove (2012) ao dizer que em todo o lugar está a geografia, abre condições para cruzarmos a diversidade do mundo com o olhar geográfico, conseqüentemente com o estabelecimento de muitas áreas para a ciência geográfica, entre elas a Geografia da Religião. Exploremos esta possibilidade e os cruzamentos com a Maçonaria.

O homem ao buscar dar sentido a sua existência, propicia o surgimento das organizações políticas e econômicas, bem como da cultura de forma geral; mas tais instituições não conseguem responder a totalidade desta busca. Ocorre então a procura de preenchimento através das manifestações religiosas e espirituais, pois elas transcendem aquilo que o indivíduo entende e domina, representando forças superiores e um poder supremo, que podem complementar a lacuna existente (GOTO, 2004). Esta busca é influenciada pelo íntimo do indivíduo e pelo ambiente, pois o homem vive em um universo simbólico e neste ambiente impregnado de significados encontra-se, disperso e disponível, o sagrado, que atinge o indivíduo. Assim, não há como dissociar da experiência humana tal ambiente nem a busca de sentido e significados para a própria existência. E é através de seu fazer cotidiano, de sua prática simbólica, que o homem assume um protagonismo, tanto na procura por preencher de essência o seu existir, como em sua prática religiosa (GIL FILHO apud PEREIRA; GIL FILHO, 2012).

Destarte observamos que o homem busca dar sentido ao seu existir e nesta empreitada encontra-se a prática religiosa, envolta em processos de significação e de relacionamento com o sagrado, aparecendo como um traço humano característico. Ditando em parte e contribuindo de forma importante, para: o relacionamento do homem com o mundo; a leitura e interpretação do mundo; bem como das experiências e vivências do indivíduo no mundo. Desta forma, uma vez que:(i) todas as culturas apresentam comportamento religioso ou espiritual; (ii) parece ser intrínseco do ser humano a necessidade de atender seus anseios internos, e que se refletem, no tempo e no espaço, na existência das religiões (RIBEIRO, 2015); e (iii) o homem é um ser simbólico (CASSIRER, 2012; GIL FILHO apud PEREIRA; GIL FILHO, 2012) é possível olhar

com destaque para a Geografia da Religião e considerá-la como meio adequado para entender os comportamentos humanos no que se refere às espacialidades relacionadas ao espiritual, especificamente, uma vez que estes traduzem o relacionamento do ser humano com o espaço e as representações advindas desta relação que retroalimentam os comportamentos.

Nesta variedade de expressões humanas ligadas à espiritualidade, está a Maçonaria. Apresentando características do local apontado por Cosgrove (2012): complexo, com muitas camadas de significado e simbolismo, representando o encontro de muitas culturas; e onde há um cosmo moral-religioso que possibilita uma determinada visão de mundo aos indivíduos. Nela se manifestam as grandes buscas humanas: (1) a busca do desenvolvimento e (2) a sede do conhecimento (MAUSS; FAUCONETT, 1999); (3) a espiritualidade e a prática religiosa (LEHMANN, 2012); e (4) a conquista de uma *salus* melhor (BAILLY, 2014). Bem como o conhecimento ancestral a ser apreendido (KNIGHT; LOMAS, 2007) visando melhorar o homem, auxiliando-o em suas buscas e possibilitando o estabelecimento de significações. Explicitemos, portanto, as realidades humanas e sua relação com a Maçonaria e as expressões simbólicas presentes, visando as conexões com a Geografia da Religião na presença destas espacialidades.

Na Maçonaria podemos verificar o encontro das buscas humanas. Na Constituição da Grande Loja do Paraná quando postula que a Maçonaria possui uma filosofia espiritualista, admitindo que o universo pode evoluir contínua e harmonicamente como expressão de um princípio criador denominado grande arquiteto do universo, postulando que a Ordem é uma instituição filosófica, que permite aos homens um espaço para se superarem e conhecerem-se melhor, de forma a retirar daí normas de conduta (GRANDE LOJA DO PARANÁ,

2011). No Ritual de Aprendiz Maçom em referências à conquista da *salus*, quando afirma que o objetivo da Instituição é tornar feliz a humanidade através do amor, aperfeiçoando costumes, pela tolerância e igualdade e pelo respeito à crença dos homens (GRANDE LOJA DO PARANÁ, 2013). Já nos *Landmarks*<sup>16</sup> da Ordem observamos a relação com o sagrado, quando falam da importância da crença no princípio criador, da crença em uma vida futura e a exigência do uso do Livro da Lei (GRANDE LOJA DO PARANÁ, 2013).

Montes (apud MARIANO, 2008) mostra a existência de uma trama social sustentadora da credibilidade dos homens nos sistemas de interpretação de sua experiência de mundo, que intermedia a relação indivíduo e sociedade, permitindo a criação de comunidades de sentido, onde a experiência de mundo é interpretável e a religião define o seu lugar. A Maçonaria é uma comunidade de sentido; onde as realidades humanas convergem caracterizando objetivamente uma das expressões da busca de sentido do homem.

Entendemos que estes exemplos demonstram as relações da Maçonaria com a prática religiosa e com a espiritualidade, bem como às expressões de ambas, existentes na Ordem. Assim, acreditamos que estão dadas espacialidades e ligações que possibilitam de alguma forma, caracterizar o vínculo da Ordem com a Geografia da Religião.

#### DIDÁTICA MAÇÔNICA E O TEMPLO

A Maçonaria é uma escola de moral (GRANDE LOJA DO PARANÁ, 2013) e como qualquer entidade de ensino, possui uma forma estruturada de fazer com que seus alunos aprendam. Assim, da

<sup>16</sup>Conforme o Ritual de Aprendiz da Grande Loja do Paraná, 2013, p. 117, os *Landmarks* são as Leis Tradicionais da Ordem Maçônica. Podendo ser considerados os usos e costumes da Ordem.

mesma forma que em qualquer escola profana<sup>17</sup>, na Maçonaria o conteúdo está distribuído ao longo dos anos previstos para que o Maçom estude, ou seja, ao longo dos Graus<sup>18</sup>, que apresentam durações variadas: de quatro meses até dois anos. Observamos também que há na Maçonaria um agrupamento de Graus, permitindo que se faça uma analogia da educação básica com a Maçonaria Simbólica e da educação superior com a Maçonaria Filosófica; aquela tratando dos Graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre, e esta dos demais Graus, que variam em número conforme o rito<sup>19</sup> seguido pela Loja na qual o Maçom foi iniciado.

A escola maçônica apresenta outras peculiaridades: Ao longo de um rito, um mesmo assunto pode ser visto **n** vezes, sendo estudado sob muitos pontos de vista, permitindo aprofundamento de conceitos e ampliação de entendimento. A Maçonaria funciona como as antigas escolas iniciáticas, onde o aluno era instruído através de uma sequência de iniciações<sup>20</sup>. Assim como as escolas adotam obras de referência,

<sup>17</sup> Profano: forma como os Maçons chamam os não-Maçons, aqueles que não foram iniciados na Maçonaria.

<sup>18</sup> Graus: representam o escalonamento do conhecimento maçônico.

<sup>19</sup> A Maçonaria possui métodos para que o conhecimento seja transmitido: os ritos.

Assim como nas escolas profanas, temos as propostas pedagógicas, como por exemplo Piaget e Montessori, na Maçonaria existem vários ritos, por exemplo: de York, Escocês Antigo e Aceito, Schoereder, Moderno, Brasileiro, entre outros. Os ritos são uma forma de organizar o conhecimento maçônico para que seja disponibilizado aos Maçons. O Rito Escocês Antigo e aceito possui 33 Graus, idem o Brasileiro; já o Rito de York possui 13 Graus. Como o conhecimento disponibilizado é o mesmo, há somente uma distinção na forma de apresentá-lo, ocorrendo, portanto, uma equivalência entre Graus, ou grupos de Graus, entre os ritos.

<sup>20</sup> Este método iniciático está na Maçonaria por herança histórica das guildas de pedreiros medievais, onde o iniciando irá viver, encenar e participar da materialização do conhecimento e dos conceitos que lhe serão passados. É como se na escola profana, todo o aprendizado ocorresse através de experimentos científicos, conduzidos pelos alunos, exigindo que os estudassem e analisassem para deles retirar e deduzir conceitos, fórmulas e ensinamentos. Tal método iniciá-

na Maçonaria o livro de estudos é o Templo. Pois que nele está expresso, se não todo, ao menos, boa parte do conhecimento que há para ser ensinado. Aqui, outra tradição antiga absorvida pela Ordem, esta vinda dos calendários arquitetônicos<sup>21</sup>, onde as dimensões das construções, a sua orientação geográfica e seu formato, traduziam conhecimentos. Assim é o Templo maçônico; onde tudo encerra um propósito e conseqüentemente um ensinamento vindo do simbolismo; desde suas dimensões até a posição dos móveis.

Percebemos assim, a importância de se estabelecer um recorte sobre o Templo, de forma a entender a sua centralidade no processo de desenvolvimento maçônico. O ensino maçônico ocorre segundo várias perspectivas complementares: através da participação efetiva do Maçom nos rituais<sup>22</sup>; através de instruções ministradas nas reuniões onde nuances da moral maçônica e chaves para interpretação dos símbolos são apresentadas; através de estudo e pesquisa individuais; através da observação daquilo que ocorre nas reuniões, bem como do que está no Templo e do que compõe o Templo; e através da reflexão sobre o que ali o Maçom vive e observa, em uma constante postura de desvelamento e interpretação de todo

tico, devido a sua vertente cênica, exige que o aluno/iniciado, capte o conhecimento através dos cinco sentidos, possibilitando seu ajuçamento e desenvolvimento.

<sup>21</sup> Construções que materializaram a observação minuciosa de alguns povos sobre a natureza, criando a partir daí um sistema de acompanhamento e marcação do tempo, das estações e do movimento dos corpos celestes com o propósito de organização social, econômica e espiritual. Para saber sobre a absorção destes conhecimentos por parte da Maçonaria, ver o livro O Livro de Hiram dos autores Christopher Knight e Robert Lomas.

<sup>22</sup> A Maçonaria como escola iniciática transmite seus ensinamentos através de iniciações sucessivas, sendo que no executar destas iniciações, o Maçom é convidado a encenar cenicamente a história contada – o mito, vivendo, portanto, este mito e vivenciando conseqüentemente todos os ensinamentos daquele grau para o qual está passando.

o simbolismo no qual submerge. Embora existam orientações quanto ao conhecimento desejado que o Maçom adquira, espera-se que ele construa os próprios conceitos e dê à simbologia sua significação pessoal, como consequência de seu interesse. Justificativas quanto a isto repousam na obsessão que a Maçonaria possui pela liberdade, expressa aqui na forma como tal método é praticado; pois, não obstante àquilo que a Ordem disponibiliza ao Maçom e a expectativa de que faça suas interpretações e estabeleça suas conclusões, isto lhe é apenas orientado, nunca cobrado ou exigido.

O Templo Maçônico<sup>23</sup> como podemos aventar, é uma construção peculiar devido ao seu interior e a sua decoração. A sua concepção arquitetônica é baseada no Templo de Salomão, descrita na bíblia no primeiro livro de Reis, capítulo 6 (BÍBLIA ON LINE, 2020)<sup>24</sup>. Referência adotada a partir da institucionalização da Maçonaria no século XVII, norteando desde então a concepção construtiva dos Templos: dimensões; a orientação solar e solsticial; posição de móveis e altares; decoração; posição dos Maçons quando em reunião; além de objetos utilizados nos rituais. Outras referências ligadas aos elementos decorativos e diferentes objetos utilizados nos rituais, advém das guildas de pedreiros, do hermetismo, dos Rozacruz, das escolas iniciáticas egípcia, persa, pitagórica entre outras; resumindo, das muitas enculturações ocorridas na Maçonaria ao longo dos séculos XVIII e XIX, quando a Ordem se organizou e quando seus documentos e manuais foram escritos<sup>25</sup> (KNIGHT; LOMAS, 2007). Todavia,

<sup>23</sup>É importante ressaltar, que ao nos referirmos ao Templo, fala-se do interior destas grandes salas, onde ocorrem as reuniões ritualísticas da Maçonaria.

<sup>24</sup>Sobre o tema ver o livro O Livro de Hiram, dos autores Christopher Knight e Robert Lomas.

<sup>25</sup>Manuais: cada Grau possui um manual, chamado indistintamente de ritual. Existem também manuais para cerimônias especiais, para jantares ritualísticos entre outros, além de documentos mais universais, como regimentos internos, estatutos, códigos eleitorais e penais.

atualmente há uma impossibilidade de seguir à risca os aspectos dimensionais e a orientação solar-solsticial como no passado, em função das condições urbanas. Mas como tudo na Maçonaria é simbólico, assim, também estas questões passaram a sê-lo. Feitas estas observações, vejamos uma sucinta descrição do Templo.

Em frente a porta do Templo, há um pequeno átrio. A porta é ladeada por duas colunas<sup>26</sup>. O Templo é dividido em duas partes<sup>27</sup>: ao fundo está o Oriente, cobrindo um terço do comprimento do Templo; os dois terços restantes são chamados de Ocidente. Ambos são separados por uma balaustrada e apresentam um desnível de três degraus entre os assoalhos. No Oriente encontra-se o trono do Venerável Mestre (presidente da Loja), representando o trono de Salomão, estando à sua direita junto a balaustrada o Secretário e no lado oposto, em frente ao Secretário, o Orador. No centro do Ocidente está o altar dos juramentos, com o livro da lei. Em seu lado direito, chamado de Sul, sentam-se os Companheiros e o seu responsável, o Segundo Vigilante (primeiro vice-presidente da Loja). Já ao lado esquerdo, chamado de Norte, sentam-se os Aprendizes e seu responsável, o Primeiro Vigilante (segundo vice-presidente da Loja)<sup>28</sup>. Os Mestres sentam-se tanto ao Sul quanto ao Norte da Loja. O piso do Ocidente é um grande quadriculado em branco e preto, chamado piso mosaico. Nas paredes do Norte e do Sul da Loja aparecem as colunas zodiacais, seis de cada lado. O teto da Loja apresenta uma vasta quantidade de planetas e estrelas pintadas para parecer o céu noturno, transmitindo a sensação de

<sup>26</sup> Em alguns Templos aparecem no lado de dentro.

<sup>27</sup> Pela tradição maçônica clássica, a divisão do ambiente do Templo deveria seguir a proporção áurea.

<sup>28</sup> Importante ressaltar que todas as referências aos pontos cardeais, solstícios e equinócios, e conseqüentemente às estações do ano, bem como o trajeto solar e da abóbada celeste, ocorrem baseadas no hemisfério norte.

se estar ao ar livre (GRANDE LOJA DO PARANÁ, 2013). No Templo encontraremos ainda, elementos que compõe o espaço e, portanto, auxiliam na transmissão do conhecimento e conseqüentemente – já nos aproximando da análise quanto a didática maçônica e do Templo como seu instrumento - no estabelecimento das espacialidades. Temos assim: paredes e cortinas coloridas; instrumentos dos pedreiros medievais (esquadro, compasso, cinzel, prumo, entre outras); pedras; espadas e bastões; colunas de madeira; música; incenso; jogo de luzes nos diversos locais do Templo; além é claro de toda a condição cênica que é utilizada para conduzir a reunião, expressa no formato das falas, nos protocolos e na movimentação dos Maçons durante a sessão.

#### AS ESPACIALIDADES DO TEMPLO E O SEU DESVELAMENTO

O Maçom ao ver o Templo pela primeira vez o absorve como totalidade, formando assim, uma determinada representação do ambiente peculiar no qual está, mas limitada obviamente, por não possuir ainda condições de ler e interpretar o espaço, exatamente por lhe ser um local desconhecido e por não ter recebido orientações sobre como interpretá-lo. Em outras palavras, ainda não tem condições de perceber as muitas camadas - espacialidades - que compõe aquele espaço que ora toma como uma totalidade; o que se espera aconteça no transcorrer da sua caminhada maçônica, na medida em que vier a se expor ao Templo e em que seu conhecimento sobre a Ordem cresça. Até mesmo porque, seu entendimento de Maçonaria e seu crescimento pessoal e podemos afirmar: o próprio objetivo da Maçonaria, dependerão desta capacidade de percepção, da leitura e da interpretação das muitas espacialidades que formam o Templo; conforme abordado anteriormente na didática maçônica.

Referências que nos permitem validar e interpretar preliminarmente o desenrolar da percepção do espaço Templo, encontramos em Cassirer (2012) quando ele aborda inicialmente as características da percepção do espaço sob a influência da função imagética do mito, que leva o indivíduo a captá-lo de fato como totalidade, sendo em certa medida, uma projeção do próprio sujeito sobre o espaço (uma espacialidade) representativa de sua condição de ignorância em relação às suas condições, leis e estruturas constituintes, bem como de seu funcionamento, que ora só consegue apreender desta forma e que o autor enfatiza ao dizer que “[...] é a totalidade da realidade, muito mais do que uma parte isolada dela, que constitui precisamente esse sujeito” (CASSIRER, 2012, p. 124). Circunstância esta, que será alterada com o conhecimento e a racionalização daquele espaço a partir de suas partes, ou seja, na medida em que o Maçom venha recebendo as orientações para poder interpretar o Templo, levando-o, portanto, de uma percepção de totalidade, própria do olhar mítico, que não será abandonada, mas acrescida de outras, como as influências das percepções linguísticas e significativas – conhecimento racional e signos, que serão abordados a frente. Cassirer (2012) retoma este movimento da percepção ora total ora específica do espaço, em suas ponderações sobre as representações e ao abordar coisa e atributo, bem como, obviamente, ao tratar do espaço.

Uma vez que a totalidade do Templo é composta, como todo o espaço, pelas espacialidades que o indivíduo estabelece, listemos algumas, constituintes do espaço Templo<sup>29</sup>, representantes do relacionamento do Maçom com o Templo e de seu desenvolvimento: Geográfica, Geométrica, Sensível, Simbólica, Política, Moral,

<sup>29</sup> As espacialidades aqui apresentadas não tencionam esgotar as camadas constituintes do espaço Templo maçônico, mas abordar as mais características.

Espiritual, Religiosa, Educacional, Mítica, Mística, Exotérica, Histórica, Pública e Esotérica. Estas espacialidades, aparecem não só como camadas sobrepostas constituintes do espaço Templo, mas podem ser entendidas como os próprios ensinamentos maçônicos, transmitidos e/ou apresentados através deste espaço, conforme abordamos na apresentação da didática maçônica. Tais camadas, são componentes da representação estabelecida por cada Maçom e em cada Maçom, tanto do Templo como de Maçonaria.

Conforme Cassirer (2011; 2012), nossa apreensão do mundo se dá através das Formas Simbólicas, a saber: Mito, Linguagem, Ciência, Religião e Arte. Cada uma delas atuando como um canal, com seu próprio e peculiar ponto de vista sobre o fenômeno, sobre o mundo observado; processo detalhado por ele, a partir da formação das representações.

O relacionamento do homem com o mundo se deu inicialmente de forma caótica, pois ao interagir com um fenômeno, ao observar uma folha por exemplo, era necessário interpretá-lo por inteiro, absorvendo-o como algo inédito cada vez que uma folha fosse visada, para a ela atribuir um significado. Na medida em que ocorreu a sucessão de observações deste mesmo fenômeno, na medida em que aquele fenômeno folha foi sendo observado muitas vezes, sucedeu a identificação de um substrato de significado, comum a todas as folhas. Neste momento para Cassirer (2012) o homem é retirado da confusão de viver acumulando percepções, tendo de interpretá-las sempre que surgem e passa a possuir um elemento que lhe permite identificá-las como similares e assim classificá-las – isto é folha – armazenando-as; processo que se dá com a retenção do substrato de significado. O homem deixa, portanto, o caos, a variedade das formas, para ingressar na unidade do significado; em outras palavras, na unidade da representação. É como se o homem

houvesse desenvolvido um alfabeto de significados que lhe auxilia a ler os fenômenos. Entretanto, um mesmo fenômeno em diferentes situações, pode apresentar diferentes significados, o que fará com que haja tantos extratos de significados armazenados, quanto forem as situações possíveis de sua aparição. Retomando a analogia de Cassirer com o alfabeto, é como se para uma mesma letra, houvesse vários sons passíveis de uso, conforme a situação na qual aquela letra fosse identificada, exemplo que o autor ilustra ao abordar as percepções das cores: “O que sucede é que os próprios fenômenos de cor, em seu caráter puramente fenomenal, já são dependentes da ordem em que se encontram; seu modo de manifestação [...] é determinado [...] por essa ordem” (CASSIRER, 2012, p. 342).

Inferimos, portanto, que parece ocorrer um processo de comparação múltipla no uso deste alfabeto de leitura das experiências, onde, a partir da percepção da forma há uma primeira articulação de identificação de qual ela seja, seguindo-se a articulação desta forma específica com as representações. Uma vez ocorridas estas articulações, está dado o significado àquele fenômeno observado. A folha ou a cor observada, para o contexto no qual foi percebida, é lida a partir deste significado. Cassirer (2012, p. 342 – destaque do original) chama este processo de *pregnância simbólica*, definido como “[...] o modo como uma experiência perceptiva, enquanto experiência sensível, contém em si ao mesmo tempo, um determinado **sentido** não intuitivo e como ela o representa de forma imediatamente concreta”. Temos, assim, que a experiência percebida traz em si mesma um significado caracterizado pelo seu contexto e natureza; um significado que não está só na experiência em si, mas nela e no observador; ponto explicitado por Cassirer (2012, p. 11) ao dizer que o “pensamento e o objeto ao qual ele se direciona constituem uma coisa só”. Um

tal sentido identificado como um substrato de significado que é acessado a partir tanto da percepção imediata do fenômeno pelo sujeito, quanto pelo dar-se a aparecer da experiência. De um lado há a percepção, a captação não intuitiva de sentido neste dar-se a aparecer do fenômeno; e no outro a representação concreta vinda do substrato de significado. Processo que é suportado pelas citadas articulações das formas percebidas e dos substratos de significados e que, embora descrito sequencialmente, é um processo que ocorre simultânea e imediatamente para a díade percepção-significação, bem como frequentemente no devir das experiências.

Destarte, todo este encadeamento ocorre, no que tange ao Templo Maçônico como instrumento de ensino, quando o Maçom tem os primeiros contatos com o Templo. Um contato inicial que lhe permite captar o ambiente como totalidade – esta inclusive, formada por uma grande quantidade de **retalhos de pequenas totalidades**, estabelecida conforme vão se apresentando as muitas nuances do espaço que ele vai percebendo. Sendo o significado que ora atribui, consequência dos substratos de significado que já possui e que serão modificados, como abordamos, através do processo de ensino maçônico, fazendo com que haja, além de uma alteração de significados já existentes, o estabelecimento de outros, permitindo que a significação inicial do Templo venha também se alterando. Aparentemente estamos diante de um processo circular, onde a partir de um significado imanente, uma experiência é percebida e significada, alterando o significado inicial e que pode ainda, criar outros. Tal percepção é correta; mas há que se estabelecer uma pequena variação neste modelo, decorrente das características da didática maçônica que propositalmente retoma assuntos já apresentados ao Maçom, em vários Graus; lhe permitindo apreciá-los sob pontos de vista diferentes e/ou mais profundos.

Esta característica, transforma aquele processo inicialmente percebido como circular, em uma espiral, pois o aprofundamento dos significados imanentes, o seu aprimoramento e ademais a constituição de outros, permite, ou talvez seja melhor dizermos que proporciona, desenvolvimento: intelectual, espiritual, perceptivo, sensual, entre outros. Marcando assim, não só o processo de desenvolvimento geral maçônico, mas analogamente o de qualquer sujeito, sendo por excelência, o próprio processo educacional e de aprendizagem pelo qual passamos. De qualquer forma, não nos encontramos diante de um ciclo, plano, bidimensional; mas sim ante a uma espiral ascendente, tridimensional.

Cassirer (2012, p. 172) afirma que é possível articulamos a realidade através de uma “tríade espiritual composta pela função da expressão pura, pela função representativa e pela função significativa”, dando a entender que temos aqui um ciclo ininterrupto, espontâneo e autônomo, ocorrendo independentemente de como os fenômenos se apresentem ao sujeito. Sendo este ciclo que irá promover as múltiplas articulações entre forma e significado, possibilitando que seja atribuído um significado ao fenômeno experienciado.

Uma vez que para Cassirer (2011; 2012) o mundo expressivo está ligado ao mito; o mundo representativo está ligado à língua; e o mundo significativo está ligado ao conhecimento, à ciência; uma outra forma de interpretarmos a sua tríade espiritual é através das próprias Formas Simbólicas: mito, língua e ciência. Assim, poderíamos traduzir e detalhar a ação destas Formas, denotando que: no mito é onde inicialmente ocorre a captação perceptiva do conteúdo psíquico vindo do fenômeno, que é relacionado a sua manifestação; através da língua ocorre a identificação de uma palavra e a sua conexão com um determinado sentido representado por ela; e a associação do conteúdo significativo do fenômeno a um

signo abstrato, através da ciência. Este detalhamento, nos permite retomar o raciocínio sobre a leitura das experiências através de um alfabeto de significados, como abordamos anteriormente, concatenando-o também com as Formas Simbólicas: vinculando a percepção da forma com o conteúdo psíquico expressivo – mito; vinculando a identificação da forma como uma expressão específica – língua, possível de ocorrer, conforme Cassirer (2012) porque a língua, ao atribuir um nome às formas estabilizou as expressividades psíquicas advindas do relacionamento mítico do homem com os fenômenos, dando à língua um papel transversal na ação de todas as outras Formas Simbólicas; e finalmente a vinculação do substrato de significado com um signo abstrato, representativo do conteúdo significativo do fenômeno – ciência.

Caracterizamos assim, o que pode ser denominado de trinômio pregnante, uma vez que a condição simbólica do homem motivada pela pregnância simbólica (CASSIRER 2011; 2012), acontece e só existe pela ação deste trinômio, expressivo – representativo – significativo, em sua articulação de substratos de significado e posterior significação simbólica dos fenômenos. Estando então, apresentado o ciclo cassireriano de leitura dos fenômenos, é coerente afirmar que o aprendizado e ensino maçônicos se deem através dele, uma vez que são também fenômenos. Entretanto, queremos acrescentar uma pequena adaptação conceitual, assim como fizemos no processo de ensino maçônico: mantemos a sequência de eventos – expressivo/ mito – representativo/língua – significativo/ciência, mas não mais entendidos como um ciclo aparentemente plano, mas vistos agora, como integrantes de uma espiral ascendente, vinculando assim, coerente e definitivamente, a proposta cassireriana ao processo de desenvolvimento maçônico.

Uma vez explorada a tríade espiritual de Cassirer, faz-se importante acrescentar algumas observações sobre a ação das Formas Simbólicas e sua relação com este trinômio pregnante. Ao intencionar um fenômeno, seguindo a proposta de Cassirer (2011; 2012), faremos sua apreensão através das Formas Simbólicas; tendo cada uma delas agindo simultânea e paralelamente, captando o fenômeno conforme a sua ênfase particular: através de uma pregnância mítica ou expressiva para o mito, através de uma pregnância representativa ou linguística para a língua, através de uma pregnância significativa ou científica para a ciência e assim por diante (GIL FILHO, 2012). Em tal processo de captação, haverá sempre uma determinada Forma que apresentará relevância sobre as demais, conforme for a natureza da experiência percebida. É como se o fenômeno fosse interpretado de forma fragmentada, a partir do viés de cada uma das Formas, onde uma em particular apresenta maior influência na atribuição final de sentido, mas absorvendo para isto, também as contribuições das outras. E neste agir das Formas, teremos em cada uma delas a ação do trinômio pregnante, com o processo de apreensão da experiência se desenvolvendo através da espiral pregnante, apresentando um movimento intenso e dinâmico, constante e conjunto, com pregnâncias expressivas, representativas e significativas, operando constantes atribuições de sentido, visados e revisados ininterruptamente; estabelecendo o entendimento do mundo “em sua multiplicidade de formas, em sua totalidade e na distinção interna de suas manifestações” (CASSIRER, 2012, p. 29). Em uma geração de conhecimento, em um estabelecer de entendimentos quanto aos fenômenos, de forma plural, fenomênica e funcional (GIL FILHO, 2012): plural pela atuação conjunta das Formas sobre o fenômeno, que o captam segundo seu ponto de vista, contribuindo assim cada uma delas para determinar o significado daquilo que é

percebido; fenomênica porque envolve tanto a percepção sensível e a ação pregnante do sujeito quanto o dar-se aparecer do fenômeno; e funcional porque a ação das Formas não é físico-estrutural, presa ao espaço geográfico e/ou geométrico, mas simbólica, dado que são elas, ou melhor, através delas que a percepção do mundo se dá, sendo articulada com os substratos de significados, estabelecendo assim uma concepção simbólica do fenômeno e mais amplamente, do espaço, gerando por conseguinte, espacialidades (GIL FILHO, 2012; DA SILVA, 2018).

Todo este sistema de assimilação da realidade permite ao Maçom, na medida em que vai experienciando o Templo, não só estabelecer aquela percepção inicial do espaço Templo como totalidade, mas também a sua decomposição nas muitas camadas de espacialidades, pois na medida em que as Formas Simbólicas vão estabelecendo os sentidos e significados, no giro da espiral pregnante, apoiadas pela didática de ensino maçônico, vão permitido que haja uma depuração na apreensão do espaço, fazendo com que a percepção fique mais apurada e conseqüentemente, fazendo com que nuances que antes não eram sequer cogitadas, passem a ser vistas e interpretadas, ganhando significado.

## CONCLUSÃO

Tendo como premissa a afirmação de Cassirer (2012, p. 255) de que “Não há nenhuma realização ou criação do intelecto que, de alguma forma, não tenha relação com o mundo do espaço e que, de certo modo, não procure ficar à vontade dentro dele (...)” é possível identificar como a didática maçônica apresenta coerência e acerto em tomar o Templo maçônico como seu grande instrumento de ensino, pois é justamente através dele e nele que o Maçom se

desenvolve: no conhecimento maçônico, no conhecimento de si, no conhecimento da ética e da moral maçônicas, entre outros. Pois as articulações estabelecidas entre o Maçom e o Templo, constituídas a partir da iniciação e que se desenvolverão ao longo de sua vida na Ordem, são as responsáveis pelo estabelecimento deste conhecimento, gerados somente porque o Maçom esteve inserido no Templo, neste espaço estabelecido com o propósito de fazê-lo se desenvolver.

Cada articulação é uma geração de significado, na medida em que o Maçom vai descobrindo e desvendando o espaço Templo, onde cada aspecto espacial percebido, gera um novo conhecimento ou uma atualização de conceitos. Em um movimento que, partindo da percepção de totalidade, passa à percepção de partes e suas causalidades, inferindo as camadas formadoras do espaço, estabelecendo novas representações e significados, extraídos exatamente da relação com o Templo; em outras palavras, instituindo espacialidades. Sendo, portanto, no estabelecimento destas e na sua percepção, que o Maçom desvenda, interpreta e constrói não só os ensinamentos expressos no Templo, mas o próprio espaço, pois como afirma Cassirer (2012) espaço é representação. E na medida da instituição das muitas percepções dos muitos aspectos do espaço, mais espacialidades são estabelecidas e mais estruturado e facetado será este espaço representacionalmente construído. Quanto à estas espacialidades, existirão tantas quantas sejam as possibilidades de relacionamento, significação e/ou interpretação do espaço, uma vez que são constituições individuais. Embora a Maçonaria, através do Templo procure apresentar determinadas espacialidades, ou estimular os Maçons que desenvolvam suas espacialidades em determinados sentidos, isto, longe de ser um engessamento, determinístico daquelas que serão estabelecidas, é um espaço aberto

à criação de tantas espacialidades quanto o intelecto, a percepção e os sentidos consigam gerar. E aqui encontramos o lugar da pregnância simbólica, que nos individualiza como consequência dos substratos de significado que instituímos individualmente e serão utilizados nas articulações com o espaço, através das Formas Simbólicas, nos permitindo criar mundos de significado; e para o nosso recorte, um mundo moral maçônico.

Finalizando, é importante retornar aos questionamentos iniciais. Podemos inferir que o que há de diferente na moral maçônica é a sua forma de ser ensinada e aprendida, visto que o Maçom é o único responsável, por identificá-la e interpretá-la. Pudemos constatar também, que toda a moral maçônica e todo o desenvolvimento do Maçom, falando mais amplamente, se dá no espaço Templo; exatamente por ser ali que está registrada, entre alegorias e símbolos, entre as concepções arquitetônicas do espaço no qual o Maçom se insere para aprender. E indo mais adiante, poderíamos inferir que a Maçonaria entende que o seu método de ensino é tão eficiente, devido abrir espaço para que o indivíduo livremente estabeleça suas conclusões, como já colocamos, permitindo-lhe tempo e provendo estímulos para a identificação e seleção de estratos de significado, conseqüentemente, das espacialidades e das representações. Bem como pelo uso do Templo como estímulo e instrumento de ensino-aprendizagem e desenvolvimento, coerente com a visão de Cassirer (2012) sobre não haver nenhum conhecimento desconexo do espaço em sua formação e estabelecimento. ☉

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. C. C. A presença de uma premissa categorial: a espacialidade nos conceitos-chave do pensamento geográfico. **Geoingá – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, v. 5, n. 2, p. 3-26, 2013.

ASLAN, N. **História Geral da Maçonaria** - Período Operativo. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora Ltda, 1979.

AZEVEDO, C. M. M. Prefácio. In: BARATA, A. M. Luzes e Sombras: A ação da Maçonaria Brasileira (1870-1910). **Coleção Tempo e Memória**, n. 14. Campinas: Editora da UNICAMP; CMU Publicações, 1999.

BAILLY, A. **Géographie du bien-être**. Paris: Anthropos-Economica. 2014.

BARATA, A. M. A Maçonaria e a Ilustração Brasileira. **Manguinhos**, v. 1, n. 1, p. 78-99, 1994.

BARATA, M. Maçonaria no Brasil (século XIX): história e sociabilidade. **Revista de Estudos Históricos de la Masonería**, Edição Especial UCLA – Grand Lodge of California, p. 139-15, 2013.

BÍBLIA ON LINE. **1 Reis 6**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/vc/1rs/6>. Acesso em: 25 jan. 2020.

CARNEIRO, L. C. A Maçonaria e o Partido Republicano Paulista (1868-1889). **Anais...** XIX Encontro Regional de História, Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 2008.

CASSIRER, E. **A Filosofia das Formas Simbólicas – I – A Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASSIRER, E. **A Filosofia das Formas Simbólicas – II – O Pensamento Mítico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CASSIRER, E. **A Filosofia das Formas Simbólicas – III – Fenomenologia do Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

COLUSSI, E. L. **A maçonaria gaúcha no século XIX**. Passo Fundo: Ediufpf, 1998.

CONFEDERAÇÃO DA MAÇONARIA SIMBÓLICA DO BRASIL. **Grandes Lojas do Brasil**. Brasil. Disponível em: <http://www.cmsb.org.br/index.php/grandes-lojas-do-Brasil>. Acesso em: 5 de ago. 2012.

CONFEDERAÇÃO MAÇONICA DO BRASIL. **Proclamações à Sociedade**. Brasil. Disponível em: <http://www.comab.org.br/index.php?page=proclamacoes>. Acesso em: 5 de ago. 2016.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R.L.C.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.

DA SILVA, A.S.; GIL FILHO, S.F. Geografia da Religião a partir das formas simbólicas em Ernst Cassirer: um estudo da igreja internacional da graça de deus no Brasil. **Revista de Estudos da Religião**, p. 73-91, jun, 2009.

DASILVA, M.A.S. O Espaço em Ernst Cassirer (1874-1945): Contribuições para a epistemologia da geografia. **Anais... XIX Encontro Nacional de Geógrafos**, João Pessoa: UFPB, 2018. Disponível em: <http://www.eng2018.agb.org.br/site/anaiscomplementares2?AREA=18#M>. Acesso em: 08 Fev 2020.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano** – A essência das religiões. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1956.

ENTRIKIN, J. N. Geography's Spatial Perspective and the philosophy of Ernst Cassirer. **Canadian Geographer**, Ottawa, v. 21, n. 3, p. 209-222, 1977.

ESCOTEIROS DO BRASIL. **Organização Mundial**. Brasil. Disponível em: <http://www.escoteiros.org.br/organizacao-mundial/>. Acesso em: 5 de ago. 2016.

GIL FILHO, S.F. Por uma Geografia do Sagrado. **Raega**, v. 5, p. 67-78, 2001.

GIL FILHO, S.F. Espaço sagrado no Islã Shi'i: notas para uma geografia da religião do Shi'ismo Duodécimano. In: SERPA, A. (Org.). **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações 01**. Salvador: EDUFBA, p. 139-159, 2008.

GIL FILHO, S.F. Geografia das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (Orgs.). **Visões do Brasil: estudos**

culturais em Geografia. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmatann, 2012. p. 47-66.

GOTO, T.A. **O Fenômeno Religioso: a fenomenologia em Paul Tillich**. São Paulo: Paulus, 2004.

GRANDE LOJA DO PARANÁ. **Ritual do Grau de Mestre Maçom**. Curitiba: Grande Loja do Paraná, 2009.

GRANDE LOJA DO PARANÁ. **Constituição**. Curitiba: Grande Loja do Paraná, 2011.

GRANDE LOJA DO PARANÁ. **Ritual do Grau de Aprendiz Maçom**. Curitiba: Grande Loja do Paraná, 2013.

GRANDE ORIENTE DE SÃO PAULO. **Ordem do Arco-Iris**. São Paulo. Br. Disponível em: <http://www.gosp.org.br/paramaconicas/ordem-do-arco-iris/>. Acesso em: 5 de ago. 2016.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. **Estatuto**. Brasília. BR. Disponível em: <http://www.gob.org.br/index.php?c=4817>. Acesso em: 5 de ago. 2010.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. **Regulamento Geral da APJ**. Brasília. BR. Disponível em: <http://www.gob.org.br/index.php?c=5436>. Acesso em: 5 de ago. 2015.

JACKOWSKI, A. Geography of Religion. **Peregrinus Cracoviensis**. Zenszyt 13, 2002.

KARG, B.; YOUNG, J.K. **O Livro Completo dos Maçons** – Desvendando os segredos da antiga e misteriosa sociedade chamada Maçonaria. São Paulo: Madras, 2008.

KNIGHT, C.; LOMAS, R. **A Máquina de Uriel: As antigas origens da ciência**. São Paulo: Madras, 2006.

KNIGHT, C.; LOMAS, R. **O Livro de Hiram**. 2Ed. São Paulo: Madras, 2007.

KONG, L. Geography and religion: Trends and prospects. **Progress in Human Geography**, Singapura, v. 14, n. 3, p. 355-371, 1990.

LEHMANN, D. Esperança e Religião. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 75, p. 219-236, 2012.

MARIANO, R. Usos e limites da teoria da escolha racional da religião. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 20, n. 2, p. 41-66, 2008.

MAUSS, M.; FAULCONNET, P. Sociologia. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

OLIVEIRA, P.W.A. Aproximações entre geografia e religião: contribuição aos estudos em geografia da religião. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 10, n. 21, p. 1-13, mai/ago, 2019.

ORENGO, A.O. **A experiência da Maçonaria**: o sentido de ser Maçom. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

PEREIRA, C.J.; GIL FILHO, S.F. Geografia da Religião e Espaço Sagrado: Diferenças entre as noções de lócus material e conformação simbólica. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 1-31, abr/2012.

RIBEIRO, J. P. Religião e Psicologia. In: HOLANDA, A.F. (Org.). **Psicologia, religiosidade e fenomenologia**. Campinas: Alínea, 2015.

RODRIGUES, M. H. Maçonaria Operativa: um estudo sobre as possíveis origens da maçonaria. **Revista Contemplação**, n. 9, p. 30-50, 2014.

ROSENDAHL, Z. Construindo a Geografia da Religião no Brasil. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 15, jan-jun, 2003.

ROSENDAHL, Z. História, teoria e método em geografia da religião. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 24-39, jan/jun, 2012.

SANTOS, A.P. Introdução à Geografia das Religiões. **GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo**, n. 11, 2002.

STEVENSON, D. **As Origens da Maçonaria** – O século da Escócia (1590-1710). São Paulo: Madras, 2009.

SUPREMO CONSELHO DA ORDEM DEMOLAY PARA O BRASIL. **O que é a Ordem Demolay?** Brasil. Disponível em: <http://demolay.org.br/o-que-e-a-ordem-demolay/>. Acesso em: 5 de ago. 2016.

TAVARES, M.R. **Entre a Cruz e o Esquadro**: o Debate entre a Igreja Católica e a Maçonaria na Imprensa Francana (1882-1901). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, SP, Brasil, 2006.

UNITED GRAND LODGE OF ENGLAND. **Charitable Works**. London, UK. Disponível em: <http://www.ugle.org.uk/charity>. Acesso em: 5 de ago/2019. 2016.

UNITED GRAND LODGE OF ENGLAND. **Foreign Grand Lodges**. London, UK. Disponível em: <http://www.ugle.org.uk/about/foreign-grand-lodges>. Acesso em: 05 de ago/2019. 2019.

Submetido em junho de 2021.

Revisado em março de 2022.

Aceito em agosto de 2022.